

LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA ESTRANGEIRA: ALTERNÂNCIA LINGUÍSTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

CHICO, Márcia Tavares¹; KURTZ DOS SANTOS, Sílvia Costa²; MOZZILO, Isabella³

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Português, Inglês e Respectivas Literaturas da Universidade Federal de Pelotas, bolsista PIBIC/CNPq .

E-mail: marcia.chico@hotmail.co.uk

² Professora Associado II do Centro de Letras e Comunicação da UFPel, orientadora do trabalho.

E-mail: silviakurtz@terra.com.br

³ Professora Associado II do Centro de Letras e Comunicação da UFPel, co-orientadora do trabalho.

E-mail: isbellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Mozzillo (2005), a sala de aula de língua estrangeira coaduna diversos sistemas linguísticos, tais como: a língua materna do professor e dos alunos, a qual pode não ser a mesma, a língua alvo, e outras línguas que por acaso os membros da sala de aula venham a conhecer.

Ainda segundo a autora, essa coexistência de línguas pode ocorrer de diversas maneiras, dentre elas, com o uso do *code-switching*, ou seja, a alternância linguística entre a Língua Materna (LM) e a Língua Estrangeira (LE).

Entretanto, durante muito tempo, a LM foi banida das salas de aula de língua estrangeira, colocada em segundo plano, ou evitada ao máximo (TANG, 2002). Isso ainda se dá por várias razões, entre elas a crença de que usar a língua materna ao invés da estrangeira em determinadas situações de ensino e aprendizagem significa necessariamente baixa competência na língua alvo. No entanto, a alternância entre LE e LM também deve ser considerada como um fenômeno natural, como um recurso pragmático acionado por motivações e propósitos diversos, tanto em situação artificial como natural (TANG, 2002).

Nesse sentido, o presente trabalho procura mostrar o papel relevante que a língua materna possui na sala de aula de LE, podendo ser considerada uma importante ferramenta utilizada pelo professor na otimização dos processos de ensino e de aprendizagem da língua alvo.

2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para a realização da pesquisa foram coletados dados de interações orais entre professores e seus alunos, durante aulas das disciplinas de Língua Inglesa IV e V, em turmas do Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês e Respectivas Literaturas da Universidade Federal de Pelotas.

Os dados foram inicialmente analisados de forma a selecionar trechos nos quais professores universitários que fazem uso prioritário da língua alvo em suas aulas apresentassem alternância linguística entre inglês e português.

Num segundo momento, o foco da análise passou a ser o levantamento de hipóteses quanto às possíveis razões para a alternância de códigos e o papel que o

fenômeno possa ter desempenhado na interação entre professores e alunos em aula de língua inglesa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na análise dos dados, foram observadas as seguintes razões para a alternância de códigos por parte dos professores:

3.1. Apresentar o significado de uma palavra ou expressão em inglês

Os professores (P1 e P2) recorreram à tradução em várias ocasiões, por exemplo:

P1: Do you know what GDP is? It's the same as PIB – "Produto Interno Bruto".

Ao invés de explicar em inglês, P1 decidiu dar um sinônimo em português. Isso pode ser explicado por vários motivos, tais como: facilitar a compreensão, pois, mesmo após uma explicação detalhada o professor não estava certo de que o conceito havia sido plenamente entendido por todos os alunos; para economizar tempo. Uma explicação em inglês sobre o significado de *GDP (Gross Domestic Product)* poderia levar muito tempo, eliminando, assim, tempo de aula que poderia ser mais bem utilizado para fins mais relevantes. Além disso, a utilização da sigla PIB, proveniente da língua portuguesa e parte do léxico dos alunos, fez com que, por associação, o professor otimizasse a compreensão e a aprendizagem da sigla estrangeira *GDP*.

O mesmo acontece com os exemplos abaixo.

P2: "I'm off" means "fui".

P2: In Portuguese we can say "Eu me dou bem com Fulano" or "Eu me dou com fulano". It is pretty much the same thing in English (quando estava explicando a expressão "Get on (well) with somebody").

Os exemplos acima demonstram que P2 optou por usar a tradução como recurso para ensinar algumas das expressões em língua inglesa que estavam sendo estudadas. Além da possibilidade de economizar tempo de aula a ser mais bem aproveitado com outras atividades que não a explicação das expressões em língua inglesa, a utilização das expressões correspondentes em português certamente favoreceu a compreensão por parte dos alunos.

3.2. Para checar a compreensão

Durante vários exercícios, após explicar vocabulário ou pedir que os alunos tentassem explicar o sentido de palavras/expressões em língua inglesa, o professor também recorreu à tradução, com o intuito de checar a compreensão.

Em um caso observado, no qual o professor estava explicando o sentido do substantivo *smuggler*, ao perguntar aos alunos qual seria o termo em português, um dos alunos (A1) demonstra compreensão, enquanto outro (A2) parecia ter alguma

dúvida em relação ao melhor significado dentro do contexto apresentado. Assim, o professor opta por não dar continuidade à explicação na LE, repetindo o termo em português, já dado por outro aluno.

A1: "Contrabandista".

P: Yeah, that's right.

A2: "Atravessador"?

P: "Atravessador" would not be right for this word. "Contrabandista" would be the best.

Ao fornecer o significado em português, o professor não somente elimina a confusão do aluno, como também mostra o significado certo. Também evita qualquer desperdício de tempo, como também foi explicitado na seção anterior.

3.3. Para se adequar ao código que o aluno está usando

Em um final de aula, o professor, que havia falado em inglês a maior parte da aula, continua se dirigindo aos alunos na língua estrangeira. No entanto, ao receber uma pergunta de um aluno em português, o professor faz a alternância para a língua materna em sua resposta.

P: Does anyone have any questions?

A: Como que eu desenvolvo essa habilidade? (se referindo à habilidade de perceber certos aspectos linguísticos como adequados ou inadequados, mesmo antes de conhecer as regras gramaticais).

P: Tendo bastante contato com a língua, através de leitura, de músicas, filmes ou qualquer outro meio. Depois que tu tens contato o suficiente tu vêes que algo pode ou não pode ser, porque te parece muito estranho. Claro, que não é 100% infalível.

O professor poderia ter continuado sua fala na LE, respondendo a pergunta do aluno em inglês, mas sua opção pela resposta na LM pode ter sido para estabelecer empatia com aluno, deixando-o à vontade para se manifestar, para interagir com ele. Ao continuar falando em inglês, o professor talvez inibisse o aluno, até mesmo provocando inibição em participações de sala de aula. Ao falar em português, o professor não somente esclarece a dúvida do aluno, mas também evita a desnecessária imposição da língua inglesa na interação, como se repreendesse o aluno por ter recorrido à LM. Ao usar a língua materna, o professor está também estabelecendo um laço afetivo com o aluno, mostrando-se membro da mesma comunidade universitária e linguística.

4. CONCLUSÃO

É importante que os professores de língua estrangeira em formação tenham a oportunidade de estudar e refletir sobre o fenômeno natural da alternância linguística que estejam vivenciando como alunos.

Ao chamarmos atenção para o fato de que o uso da LM na sala de aula de LE se dá por razões de ordem pragmática e com efeitos benéficos, acreditamos estar contribuindo para o entendimento de que, assim como tem sido demonstrado em

estudos recentes, a alternância linguística não é necessariamente sinônimo de baixa competência na língua estrangeira.

:

5. REFERÊNCIAS

COOK, V. Using the First Language in the Classroom. **Canadian Modern Language Review**. Vol. 57, n. 3, March 2001.

GREGGIO, S., GIL, G. Teacher's and Learners' Use of Code Switching in the English as a Foreign Language Classroom: a Qualitative Study. **Linguagem & Ensino**, v. 10, n. 2, jul./ dez. 2010, p. 371-393.

MOZZILLO, Isabella. La Interlengua: Producto del Contacto Lingüístico en Clase de Lengua Extranjera. **Caderno de Letras (UFPEL)**, v. 11, n. 11, p. 65-75, 2005.

SACHDEV, I. , GILES, H. Acomodação Bilíngue. In: KURTZ-DOS-SANTOS, Sílvia C.; MOZZILLO, Isabella (Orgs.). **Cultura e diversidade na sala de aula de língua estrangeira**. Pelotas: Editora da UFPel, 2008.

TANG, J. Using L1 in the English Classroom. **English Teacher Forum**, 40, p. 36-43, 2002.